

Texto: Ana Teixeira Pinto  
Tradução e edição: Susana Camanho  
Produção: Rita Senra, Pedro Huet  
Montagem: Rita Senra, Pedro Huet e Carlos Campos  
Assistente produção e montagem: Carolina Figueiro  
Design: Macedo Cannatà  
Impressão da serigrafia: Oficina Atalaia  
Programa público: Sara Rodrigues, Rodrigo Camacho  
Programa editorial: Maria João Macedo  
Agradecimentos: Lídia Queirós, Nuno Crespo,  
Escola das Artes – UCP e Teatro de Ferro

A equipa do Sismógrafo é composta por:  
Emídio Agra, Rodrigo Camacho, Susana Camanho,  
Pedro Huet, Maria João Macedo,  
Hernâni Reis Baptista, Sara Rodrigues,  
Rita Senra e/and João Pedro Trindade.

O Sismógrafo tem o apoio:



doARTES  
DIRECÇÃO-GERAL  
DAS ARTES



rpac  
Associação Portuguesa  
de Serigrafia

Ano do Cratório  
Porto.



CIN

artworks



Filmes e Estudos  
Jumana Manna  
1 Jun–20 Jul 2024

O Sismógrafo apresenta *Jumana Manna: Filmes e Estudos*, uma retrospectiva em torno da obra fílmica da artista palestina. De 1 de Junho a 20 de Julho, entre quarta-feira e sábado, serão apresentados todos os filmes realizados por Jumana Manna, com especial foco para *Foragers*, o seu filme mais recente. Esta exposição apresenta ainda três sessões de filmes de outros artistas. *Jumana Manna: Filmes e Estudos* conta semanalmente com um clube de leitura desenhado em colaboração com a artista, onde a partir da sua obra se aprofundarão discussões em torno das relações de ocupação e colonialismo do território e do povo palestino. Como é habitual, a exposição contará com um programa público, desta feita com um workshop desenvolvido pelos Landra.

*Wavy Sea 1 [mar revolto]*, 2023

Colagem de papel  
30,1 x 21,7 cm

*Wavy Sea 3 [mar revolto]*, 2023

Colagem de papel  
30,1 x 21,7 cm

*Sem título*, 2024

Serigrafia a duas cores sobre papel 100% algodão  
48 x 70 cm  
Ed. 50

As vendas da serigrafia de Jumana Manna revertem a favor da Associação XXXX

**JUMANA MANNA** é artista visual e cineasta. A sua obra explora as formas como o poder é articulado, focando-se na relação do corpo, terra e matéria com as heranças coloniais e históricas dos espaços. Através da escultura, do cinema e ocasionalmente da escrita, Manna lida com os paradoxos das práticas de preservação, particularmente nos campos da arquitectura, agricultura e do direito. O seu trabalho atende às tensões entre as tradições modernas de categorização e conservação e a indisciplina da destruição, a vida e as suas regenerações. Jumana cresceu em Jerusalém e vive actualmente em Berlim.

## Filmes e Estudos

Ana Teixeira Pinto

Como disse Jean-Luc Godard, numa frase que ficou famosa, após a Nakba, “os judeus passaram a ser matéria de ficção, os palestinianos, de documentário” (em *Vivre sa vie*, 1962). A obra da artista palestiniana Jumana Manna poderia ser descrita como uma resposta a Godard, assumindo uma forma “docu-ficcional”. Embora o testemunho e a crónica de acontecimentos constituam uma parte importante da sua obra, a artista não se limita a documentar as intersecções da história colectiva com a biografia pessoal. Os seus filmes abrem-se ao especulativo, ao idiossincrático e ao teatral para desafiar ou contornar as narrativas dominantes e os clichés que se fossilizaram. *Filmes e Estudos* apresenta uma selecção de filmes da artista, que abordam questões como a preservação—das tradições vernaculares (*A Magical Substance Flows Into Me*, 2016), das sementes (*Wild Relatives*, 2018), das relações com a natureza e os modos de vida locais (*Foragers*, 2022), a identidade nacional (*The Goodness Regime*, 2013) ou da memória cultural e a biografia (*A Sketch of Manners (Alfred Roch's Last Masquerade)*, 2013)—e as contradições inerentes ao acto de preservar, que procura conservar e proteger separando ou isolando umas coisas, e não outras, e colocando-as à margem das energias de hibridação presentes nas práticas não arquivadas.

Contando uma grande história num lugar pequeno, *Foragers* descreve as lutas dos palestinianos, que vêem os seus costumes locais proibidos. Os protagonistas do filme são o ‘akkoub e o za’atar, dois tipos de plantas nativas utilizadas na cozinha tradicional palestiniana para temperar pão, guisados e saladas. Normalmente, os habitantes locais procuravam as plantas selvagens em várias partes da Palestina histórica. Em 1977, a Autoridade da Natureza e dos Parques de Israel proibiu a colheita do za’atar por motivos de conservação e, no início da década de 2000, acrescentou o ‘akkoub à lista, declarando-o uma planta em perigo de extinção. A proibição obrigou as populações palestinianas a comprar za’atar e ‘akkoub cultivados em kibutzim israelitas ou a recolhê-los clandestinamente, tentando escapar aos guardas-florestais. Manna analisa a tensão entre o que é preservado e o que é deixado por preservar: o que é protegido, o que é apagado, que ecologias se vêem afectadas para que as chamadas leis ecológicas sejam aplicadas. Como o filme mostra, a “conservação” pode ser utilizada como um instrumento de apagamento cultural, pode destruir um modo de vida local. Ao mesmo tempo, as políticas agrícolas do Estado colonizador tiram às populações oprimidas não só a sua autonomia como também a sua dignidade básica.

*Wild Relatives* também aborda a política das plantas, numa perspectiva diferente. Aqui, Manna debruça-se sobre o Cofre Global de Sementes de Svalbard, também conhecido como cofre do dia do juízo final: o lugar onde se armazenam, a longo prazo, duplicados de sementes como salvaguarda da diversidade de culturas. Após o início da guerra na Síria, a filial local desta rede internacional de investigação

agrícola foi obrigada a deslocar-se para o Vale de Bekaa, no Líbano, e, para renovar o seu stock, a ir buscar a Svalbard as suas sementes de reserva. À margem destas abordagens industriais de preservação, *Wild Relatives* remete-nos para os métodos tradicionais de conservação de sementes e para o trabalho pouco reconhecido da minhoca, sem o qual as culturas não prosperariam.

*The Goodness Regime* aborda a assinatura dos Acordos de Paz de Oslo, em 1993, como um exercício de construção de uma nação, só que a nação em questão não é o Estado palestino, mas a Noruega. Como o filme mostra, com humor, a Noruega ganhou a reputação de defensora dos direitos humanos pelo papel que desempenhou no processo de paz. Para além de descrever os processos de mistificação social, *The Goodness Regime* também comenta o legado dos direitos humanos e a forma como o pós-guerra lidou com os crimes contra a humanidade, dirigindo-se não às vítimas mas aos herdeiros dos perpetradores, que já não se identificam com eles—como os alemães que herdaram fortunas acumuladas durante o período nazi e que denunciam os crimes dos seus avós—e podem, por isso, assumir-se como “futuros salvadores” (Robert Meister, *After Evil. A Politics of Human Rights*, Columbia University Press, 2012, VIII.), celebrando acordos de paz ou aderindo a ONG's.

Inspirado no filme de culto *Scorpio Rising* (1963), que explorava o culto da masculinidade rebelde, *Blessed Blessed Oblivion* (2010) mergulha na *manosphere* palestina. De uma lavagem de carros a um ginásio, os protagonistas vão oscilando entre o autoelogio descarado e as confidências desgarradamente cândidas, enquanto a pressão de viver sob ocupação e os seus desejos conflituosos emergem como obstáculos ao seu florescimento.

Em *A Magical Substance Flows Into Me* (2016), Manna segue o percurso de um etnomusicólogo judeu-alemão. Robert Lachmann, após trabalhar como intérprete num campo de prisioneiros de guerra da Primeira Guerra Mundial, interessou-se pelas canções do Norte de África. Em 1935, depois de ter sido demitido do seu cargo devido às leis nazis que proibiam os judeus de trabalhar em instituições estatais, Lachmann deixou a Alemanha e emigrou para Jerusalém, no Levante do Sul. Na Universidade Hebraica de Jerusalém, criou o arquivo de “Música Oriental” e dirigiu um programa de rádio para o *Palestine Broadcasting Service*, a estação de radiodifusão estatal da Palestina ocupada pelos britânicos. O programa teve uma duração curta, de Novembro de 1936 a Abril de 1937, devido ao incremento das tensões inter-étnicas provocadas pelo fluxo de imigrantes judeus europeus que, com a compra de propriedades, deixaram os camponeses locais sem terra. Os arquivos de Lachmann sobre as diásporas musicais, que representam o vernáculo da região, não se coadunam com os binários em ascensão. E assim continuam, como mostra *A Magical Substance Flows Into Me*, quando Manna visita judeus curdos, marroquinos e iemenitas (agora israelitas mizrahi), samaritanos palestinos, cristãos coptas beduínos, aldeões e urbanos, convidando-os a tocar os géneros de música que

Lachmann arquivou. Ouvimos a história de uma avó judia marroquina que nunca conseguiu libertar-se da identidade árabe que Israel a obrigou a abandonar. Vemos um padre copta a abençoar a artista e a sua equipa. Mas o filme não ignora as contradições. No escritório de um músico curdo-israelita, agrimensur de profissão, podemos ver uma “Tabela de expropriação de terras segundo o plano 4558”. A música pode ultrapassar diferenças insuperáveis. Ou pode simplesmente conviver com elas. Dizer que “as coisas são complexas” é, por vezes, banal, uma negação retórica utilizada para diminuir os apelos à justiça, à reparação ou, pelo menos, a uma resposta. Mas as coisas são, de facto, complexas, embora muitas vezes não sejam como nos dizem.

Em *A Sketch of Manners (Alfred Roch's Last Masquerade)*, a artista descobre uma fotografia daquele que viria a ser o último baile de máscaras em Jerusalém, em 1942. O anfitrião, Alfred Roch, era um político, membro da Liga Nacional Palestiniana, interessado pela boémia de Londres, que conheceu quando participou na conferência de Londres em 1939. A conferência destinava-se a planear o futuro governo da Palestina, após a Grande Revolta Árabe, mas não se chegou a nenhum acordo. Tudo o que Roch recuperou foi uma predileção pela figura do Pierrot, um romântico infeliz e atormentado que tanto esconde como ostenta as suas mágoas na sua máscara estilizada. Manna recria a fotografia de Roch com todos os Pierrots participantes, transformando o seu *Weltschmerz* num augúrio do que estava para chegar.

Para além dos filmes de Jumana Manna, a exposição apresentará projecções de obras de amigos, Michele Khleife, Basma al-Sharif, Oraib Toukan, Shuruq Harb, Mahdi Fleifel e, semanalmente, encontros de grupos de leitura, gerando uma plataforma para um debate sobre a Palestina e a construção de solidariedade entre lutas decoloniais.

# Sinopses

Jumana Manna, *Foragers*, 2022, 64 min

1, 5, 6, 7, 13, 14, 19, 21, 27 Jun

3,4, 6, 10, 12, 20 Jul

Com um humor irónico e um ritmo compassado, *Foragers* retrata os dramas em torno da prática da recolha de plantas selvagens comestíveis na Palestina/Israel. Filmado nas Colinas de Golã, na Galileia e em Jerusalém, o filme utiliza imagens de ficção, documentários e imagens de arquivo para retratar o impacto das leis israelitas de protecção da natureza nestes costumes. As restrições proibem a recolha de 'akkoub, semelhante à alcachofra, e za'atar (tomilho), dando origem a multas e a julgamentos de centenas de pessoas apanhadas a recolher estas plantas nativas. Enquanto os representantes do Estado israelita se escudam nos seus conhecimentos científicos e insistem no seu dever de protecção, para os palestinianos, estas leis constituem um disfarce ecológico para os afastar ainda mais da sua terra. Seguindo as plantas desde a natureza até à cozinha, seguindo as perseguições dos apanhadores e da patrulha da natureza até às defesas em tribunal, *Foragers* capta a alegria e o conhecimento incorporados nestas tradições, bem como a sua resistência à lei proibitiva. Ao reformular os termos e os constrangimentos da preservação, o filme levanta questões em torno da política de extinção, nomeadamente quem determina o que pode ser extinto e o que pode continuar a viver.

Jumana Manna, *Wild Relatives*, 2018, 64 min

8, 12, 20, 28 Jun

19 Jul

Nas profundezas da terra, sob o permafrost do Ártico, no Cofre Global de Sementes de Svalbard, armazenam-se as sementes de todo o mundo, para servirem de reserva em caso de catástrofe. *Wild Relatives* parte de um acontecimento que despertou o interesse dos meios de comunicação social em todo o mundo: em 2012, um centro internacional de investigação agrícola foi forçado a mudar-se de Alepo para o Líbano devido à revolução síria que se transformou em guerra. Lá, iniciou um laborioso processo de plantação da sua coleção de sementes das reservas de Svalbard. Seguindo o percurso desta transação de sementes entre o Ártico e o Líbano, uma série de encontros revela uma matriz de vidas humanas e não-humanas entre estes dois pontos distantes da terra. Mostra a articulação entre esta iniciativa internacional de grande escala e a sua implementação local no Vale do Bekaa, no Líbano, levada a cabo principalmente por jovens mulheres migrantes. O ritmo compassado revela as tensões entre o Estado e o indivíduo, as abordagens industriais e orgânicas da conservação de sementes, as alterações climáticas e a biodiversidade, testemunhadas ao longo do percurso destas sementes.

Jumana Manna, *A Magical Substance Flows Into Me*, 2016, 66 min

22, 26 Jun

5, 11, 18 Jul

*A Magical Substance Flows Into Me* começa com uma gravação de voz do Dr. Robert Lachmann, um enigmático etnomusicólogo judeu-alemão que emigrou para a Palestina nos anos 30. Enquanto tentava criar um arquivo e um departamento de música oriental na Universidade Hebraica, Lachmann concebeu um programa de rádio, chamado "Música Oriental", para o Serviço de Radiodifusão da Palestina, no qual convidava membros das comunidades locais a tocarem a sua música vernacular. Ao longo do filme, Manna segue os passos de Lachmann e visita judeus curdos, marroquinos e iemenitas, samaritanos, membros de comunidades palestinianas urbanas e rurais, beduínos e cristãos coptas, tal como existem hoje no espaço geográfico da Palestina histórica. Manna convida-os a conversarem sobre a sua música, enquanto se debruça sobre a história dessa música, bem como sobre o seu estado atual, por vezes ameaçado. Estes encontros com músicos são intercalados por uma série de vinhetas de interações da artista com os seus pais nos limites da sua casa de família. Numa escavação metafórica de uma história incessantemente contestada, as preocupações do filme passam pelas complexidades da linguagem, pelo desejo e o aural setting contra a noção de impossibilidade. Dentro das ideias unidimensionais e estereotipadas sobre a Palestina/Israel, esta impossibilidade torna-se ela própria um tropo que define a paisagem palestiniana (Negar Azimi).

Jumana Manna, *A Sketch of Manners*, 2013, 12 min

22, 26 Jun

5, 11, 18 Jul

Alfred Roch, membro da Liga Nacional Palestiniense, é um político com um ar boémio. Em 1942, no auge da Segunda Guerra Mundial, organiza aquele que será o último baile de máscaras na Palestina. Inspirado por uma fotografia de arquivo, *A Sketch of Manners (Alfred Roch's Last Masquerade)* recria uma faceta *bon vivant* não convencional da vida urbana palestiniana antes de 1948. Posando em silêncio para uma fotografia de grupo, os pierrots sem máscaras e melancólicos personificam acidentalmente a premonição de um futuro incerto.

Jumana Manna, *Blessed Blessed Oblivion*, 2010, 21 min

29 Jun

Um retrato da performatividade masculina em Jerusalém Oriental, tal como se manifesta nos ginásios, lojas de produtos corporais e salões de cabeleireiro. Inspirado em *Scorpio Rising* (1963) de Kenneth Anger, o vídeo utiliza a colagem visual e a banda sonora como complemento irónico. Psicologizando as personagens e, simultaneamente, seduzida por elas, Manna encontra-se num dilema, semelhante ao desejo conflituoso que anima o seu protagonista, quando este passa de um discurso abjeto a declamações de poesia heróica ou a descarados autoelogios.

Jumana Manna, *The Goodness Regime*, 2013, 21 min

29 Jun

Um documentário experimental que explora os mitos e as imagens que conduziram à percepção da Noruega como uma nação de paz e benevolência. O elemento aglutinador é uma série de encenações feitas por crianças que narram os mitos e os acontecimentos históricos, referindo-se a personagens que impulsionaram a imagem da Noruega como uma nação de paz. Estas encenações são entrelaçadas com imagens de arquivo, discursos políticos e locuções de filmes de Hollywood. Numa desconstrução satírica do *Goodness Regime* que permeia a sociedade norueguesa, Manna e Storihle exploram os dilemas morais inerentes à história de uma das nações mais ricas do mundo.

Michelle Khleife, *Fertile Memory*, 1981, 89 min

15 Jun

*Fertile Memory* é a longa-metragem de estreia do realizador pioneiro Michel Khleifi. Misturando, de forma lírica, elementos documentais e narrativos, Khleifi elabora, com mestria e amor, um retrato de duas mulheres palestinianas cujas lutas individuais definem e transcendem a política que dilacerou os seus lares e as suas vidas. “Tanto Sahar como Romia estão presas à sociedade em que vivem, mas vivem de forma diferente essa prisão. Sahar possui as palavras, enquanto a Romia não. Romia existe, mas sem se definir como indivíduo. Ambas se sentem frustradas em relação à história, Sahar talvez duplamente pela consciência que tem dessa frustração, da solidão que lhe é imposta pela sua situação de divorciada. Já Romia aceita sem amargura a sua solidão após ficar viúva, porque decidiu que não há outro caminho. As palavras de uma personagem encurralam as da outra, eu insisti para que assim fosse, para que o espectador reagisse, participasse ativamente no filme, se tornasse cúmplice”.

Basma Al-sharif, *We Began By Measuring Distance*, 2009, 19 min

29 Jun

Fotogramas longos, texto, linguagem e som são entrelaçados para revelar a narrativa de um grupo anónimo que ocupa o seu tempo a medir distâncias. Medidas inocentes passam a medidas políticas, explorando a forma como a imagem e o som comunicam a história. *We Began by Measuring Distance* aborda o desencanto final com os factos quando o elemento visual não consegue comunicar o trágico.

Basma Al-sharif, *The Story of Milk and Honey*, 2011, 10 min

29 Jun

Através de uma delicada mistura de factos e ficção, contam-se os pormenores da tentativa de escrever uma história de amor passada em Beirute, no Líbano, narrada por uma voz anónima. Um conto de derrota transforma-se numa viagem com várias camadas que explora a forma como recolhemos informação, percebemos os factos e recriamos a história para satisfazer os nossos próprios desejos.

Basma Al-sharif, *Home Movies Gaza*, 2013, 24 min

29 Jun

*Home Movies Gaza* mostra-nos a Faixa de Gaza como um microcosmo do fracasso da civilização. Numa tentativa de descrever o quotidiano de um lugar que luta pelos direitos humanos mais básicos, este vídeo reivindica uma perspectiva a partir dos espaços domésticos de um território complicado, abandonado e impossível de separar da sua identidade política.

Mahdi Fleifel, *I signed the petition*, 2018, 11 min

13 Jul

Imediatamente após assinar uma petição on-line, um palestiniano é atirado para uma espiral de pânico e insegurança. Ao longo de uma conversa com um amigo, ele analisa, desconstrói e interpreta o significado da sua escolha de apoiar publicamente o boicote cultural a Israel.

Shuruq Harb, *White Elephant*, 2018, 12 min

13 Jul

Utilizando imagens partilhadas na Internet por soldados israelitas durante a Guerra do Golfo, imagens da primeira Intifada ou de encontros de música trance, Shuruq Harb compõe o retrato de um adolescente palestiniano nos anos 90, no espelho da cultura pop israelita.

Oraib Toukan, *Via Dolorosa*, 2021, 21 min

13 Jul

Imagens filmadas pelo falecido fotógrafo e cineasta palestiniano Hani Jawharieh, em câmara lenta, estudadas e remontadas com material do local onde foram encontradas - pilhas de bobinas de filme descartadas por antigos centros culturais soviéticos em Amã, na Jordânia, acompanhadas de comentários da académica de literatura e cinema Nadia Yaqub. *Via Dolorosa*, em latim, (“Caminho do Sofrimento”, em árabe) é, ela própria, um percurso processional que Jawharieh filmou na sua cidade natal, Jerusalém.

Oraib Toukan, *Offing*, 2021, 29 min

13 Jul

Que narrativas escapam ao contexto da guerra? Como é que a luta e o desejo coexistem no contexto da guerra e como é que aqueles que sofrem o stress insondável da guerra, por sua vez, consomem os media? *Offing* foi produzido no rescaldo da ofensiva israelita de 2021 contra os palestinianos que residem na Faixa de Gaza sitiada por Israel. O filme combina as histórias pessoais do artista Salman Nawati, que vive em Gaza, com imagens filmadas por Toukan que se centram no sensível e no mundano como actos de vida. Mas também na inadequação da representação do sofrimento.

# Clube de Leitura Jumana Manna

6 Jun–18 Jul 2024

Todas as Quintas-feiras  
18:30–20:30

Participação gratuita  
Inscrições: [publicos@sismografo.org](mailto:publicos@sismografo.org)  
Lotação limitada

Durante as sete semanas da exposição de Jumana Manna *Screenings and Studies*, ao final da tarde de cada quinta-feira, haverá no Sismógrafo um Clube de Leitura. Partimos de vozes palestianas, expandindo as sessões para outros autores que nos trazem perspectivas globais sobre as violências e injustiças associadas aos processos civilizacionais, imperiais e coloniais. Que poderes são esses que historicamente nos separam da terra fértil e nos levam da autonomia e da liberdade, aparentemente garantidas, à subjugação? Que futuros de liberação são possíveis imaginar?

Em cada sessão, focamo-nos num livro diferente, do qual lemos excertos selecionados. A leitura será feita em inglês, dada a língua dos livros, mas as partilhas poderão ser bilingues. Para participar regularmente no Clube de Leitura é somente necessária a inscrição. Consoante a disponibilidade e interesse em cada autor, estamos também abertos a inscrições para sessões específicas.

## Qui 6 Jun

*Palestinian Walks: Notes on a Vanishing Landscape*,  
Raja Shehadeh

## Qui 13 Jun, com a convidada Joana Rafael

*Against the Grain: A Deep History of the Earliest States*,  
James C. Scott

## Qui 20 Jun, com o convidado Tomás Sopas Bandeira

*The Wretched of the Earth*, Frantz Fanon

## Qui 27 Jun, com a convidada Geanine Escobar

*Colonial Lives of Property: Law, Land and Racial Regimes of Ownership*, Brenna Bhandar

## Qui 4 Jul, com o convidado Vítor Silva

*Light In Gaza: Writings Born of Fire*,  
ed. Jihad Abusalim, Jennifer Bing, Mike Merryman-Lotze

## Qui 11 Jul, com a presença online de Jumana Manna

*Open Letter to Sylvia Wynter: Unlearning the Disappearance of Jews from Africa*, Ariella Aisha Azoulay

## Qui 18 Jul

*Settling Nature: The Conservation Regime in Palestine-Israel*, Irus Braverman

# Actividade O Corpo no Meio com Landra

Sáb, 20 Jul 2024  
17:00–20:00

Participação gratuita  
Inscrições: [publicos@sismografo.org](mailto:publicos@sismografo.org)  
Lotação limitada

No último dia da exposição e no final do clube de leitura, os Landra propõem-nos sair rua fora. Atentos às características deste lugar que habitamos, é por entre os jeitos e culturas das gentes, que procuramos fragilidades. Que processos indispensáveis à vida caíram fora do nosso controlo? Que confortos ou desconfortos há nesta condição? Acabamos o passeio em sítios sem nome; periféricos, sem vigilância, nem lei. A esperança por vezes espreita na sombra, esperando o momento certo para nos salvar. Identificamos as formas de vida sem ordem: das pequenas ervas daninhas às grandes árvores que emergem sem avisar. Em liberdade, estes seres ensinam-nos a autonomia; conduzem-nos à revolução.

**LANDRA** é o nome que Sara Rodrigues e Rodrigo Camacho dão à terra onde vivem e é também como são conhecidos enquanto dupla artística. Através das landras (frutos dos carvalhos), o duo presta homenagem a uma cultura de autonomia, de soberania e de auto-suficiência que procuram recuperar. Para além de ser uma agrofloresta em desenvolvimento, a Landra é também um espaço para experimentação com métodos de produção alimentar agroecológica e formas de arte-vida. Sara e Rodrigo começaram a trabalhar juntos desde 2015 a partir da Goldsmiths University, Londres. Os seus projetos desenvolvem-se por via do vídeo e da composição audiovisual, da performance, da instalação e da intervenção no espaço público. Para além da carreira artística, formaram-se em permacultura e microbiologia do solo, investigando e aplicando estes conhecimentos em projetos teórico-práticos entre a arte e a ciência.